

## QUANDO OS DESEJOS DITAM O JOGO: *THE INFERNAL DESIRE MACHINES OF DOCTOR HOFFMAN* E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Gil Derlan Silva Almeida<sup>1</sup>

**RESUMO:** No estudo das relações de gênero e sua profícua imbricação com o texto literário, podemos perceber como a representação dos tipos sociais minorizados faz-se importante pauta na discussão sobre o bojo social, principalmente, na forma como este ainda é comandado sobre a égide de padrões patriarcais e hegemônicos. Assim, nomes como a autora Angela Carter buscaram subverter essa noção rija de sociedade liderada por uma única perspectiva, apresentando novas possibilidades para o mundo hodierno. Desta maneira, este trabalho objetiva discutir as relações de gênero na obra *The infernal desire machines of doctor Hoffman* (1972), da referida autora britânica. Enquanto metodologia, utilizam-se os pressupostos da pesquisa qualitativa, por se tratar da análise de tipos sociais e suas ações, bem como toma o *corpus* literário do romance como matéria de investigação. O aporte teórico é constituído por nomes como Beauvoir (2009), Hutcheon (1991), Peach (1998), Zanello (2018), Zinani (2011), dentre outros. Percebe-se como o enredo romanesco da obra de Carter desconstrói um *status quo* masculino e patriarcal, colocando em xeque como este discurso cunha preconceitos e processos de inferiorização, principalmente, contra o público feminino. A autora lança mão de uma narrativa apocalíptica, distópica, ancorada num realismo mágico e grotesco, para dialogar sobre como as relações de gênero são encaradas nos tempos pós-modernos e os desdobramentos dessa problemática.

**Palavras-chave:** Angela Carter. *The infernal desire machines of doctor Hoffman*. Gênero.

## WHEN DESIRES DICTATE THE GAME: THE INFERNAL DESIRE MACHINES OF DOCTOR HOFFMAN AND GENDER RELATIONS

**ABSTRACT:** In the study of Gender relations and their useful interweaving with literary texts, we can see how the representation of minority social types becomes an important topic in the discussion about the social reality, especially in the way it is still governed by patriarchal and hegemonic standards. Thus, names such as the author Angela Carter tried to subvert this rigid notion of society led by a single perspective, presenting new possibilities for the post-modern world. Thus, this work aims to discuss gender relations in the work *The Infernal Desire Machines of Doctor Hoffman* (1972), by the mentioned British author. As a methodology, the conceptions of qualitative research are used, since it deals with the analysis of social types and their actions, as well as takes the literary corpus of the novel as the material of investigation. The theoretical framework is made up of authors such as Beauvoir (2009), Hutcheon (1991), Peach (1998), Zanello (2018), Zinani (2011), among others. It is clear how the novelistic plot of Carter's work deconstructs a masculine and patriarchal *status quo*, questioning how this discourse creates prejudices and inferiorization processes, mainly against the female. The author uses an apocalyptic, dystopian narrative, anchored in magical and grotesque realism, to discuss how gender relations are viewed in post-modern times and the consequences of this problem.

<sup>1</sup> Doutor em Letras- Estudos Literários, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Professor de Letras Português/Inglês do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) - Campus Bacabal. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0270-5149>. E-mail: [gilderlansilva@hotmail.com](mailto:gilderlansilva@hotmail.com).

**Keywords:** Angela Carter, The infernal desire machines of doctor Hoffman, Gender.

## Introdução

Entendo a literatura como um terreno político, uma vez que se estabelecem disputas, embates e discussões sobre temas necessários de diálogo e explicitação, conforme abordado por Gayatri Spivak (1990), em *The new historicism: political commitment and the post-modern critic*. Temas estes que, muitas vezes, ancoram reflexões que afetam diretamente a vida e a convivência social. Daí o papel que a escrita literária tece como uma arena que provoca discursos hegemônicos e questiona-os, utilizando de suas narrativas para tal feito.

Desta maneira, é com o papel do pesquisador/crítico literário que a obra se mostra um pilar para o questionamento de certezas, tomadas como irrefutáveis ou livres de ponderação, através do diálogo do texto literário com a realidade social, bem como da associação dos comportamentos dos personagens do campo literário com os performados pela própria sociedade. Fora dela, posso relacionar o que é semelhante e o que difere, o que coaduna e o que subverte, para poder criar novos conhecimentos sobre os estudos de gêneros, tomando a autora Angela Carter como base do *corpus*.

Este trabalho, enquanto análise da produção de Angela Carter, tomando como mote a categoria de gênero, intenta investigar e discutir sobre essa categoria na obra *The infernal desire machines of Doctor Hoffman* (TIDMODH), publicada em 1972 e traduzida para o português pela Editora Rocco com o título *As máquinas de desejo do Dr. Hoffman* (1988).

No processo de análise e investigação sobre a escrita e estilo carterianos, vi que o tecido social é problematizado por meio da categoria de gênero e da discussão política de seus enredos, como já mencionado aqui. Assim, este trabalho intentou, além de promover uma discussão nos liames dos campos de literatura e sociedade, entender como estas questões se desdobram por meio de representações de tipos sociais, evidenciando que estas merecem sempre ser postas em xeque (ZINANI, 2011), e não apenas tomadas como representações livres de quaisquer ponderações.

A pesquisa teve cunho qualitativo, pois trata-se de abordagem que investiga fenômenos sociais e seus diálogos com a realidade circundante. Como não quantifica dados, esta linha de métodos e técnicas interessa-se, em grande parte, pelo estudo das relações humanas, fenômenos de uma local ou cultura (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Na obra *The infernal desire machines of Doctor Hoffman*, a narrativa mostra um mundo totalmente governado pelos desejos e a insanidade de um representante patriarcal, cabendo ao herói Desidério que, por vezes, é anti-herói, salvar a humanidade de um colapso iminente. As personagens femininas que povoam a narrativa representam a personificação de uma luxúria que estraga e corrompe o masculino, residindo aqui grande parte da crítica feminista empreendida no projeto reflexivo de Carter no romance.

A autora acentua como o corpo feminino é usado pelo masculino, sem quaisquer compromissos ou respeito. Usando do grotesco e erótico, as personagens vão ao ápice da condição subalterna para satisfação sexual do homem que as aprisiona. Assim, é interessante destacar que o processo de dominação masculina, já cunhado e discutido por Bourdieu (2017), demonstra como essa matriz de regulação e poderio sobre o corpo feminino é uma ótica hegemônica muito bem arquitetada que busca a manutenção de uma gama enorme de privilégios e favores, conforme Zanello (2018) já cunhou denominando “casa dos homens”.

Neste enredo, a ordem política, centrada na figura do Ministro, tem seu poderio ameaçado pelo plano engenhoso de Dr. Hoffman, que busca instaurar uma nova ordem social tendo os desejos como mote de sua governança e da convivência humana. No caos iminente, temos a figura do opressor que ocupa o papel de oprimido, bem como do vilão que, agora em situação comum ao resto do povo, se torna uma representação heroica para a possível solução dos problemas e restauração da ordem social, ameaçada pelo plano de Hoffman.

O governante que sempre dominou se vê agora refém de um louco, e experimenta o poder vagarosamente se esvaír de suas mãos. Assim, a obra discute esse fenômeno como um passo para a grande problematização social do caráter plural e diverso da categoria de gênero, servindo como uma possibilidade de derrubada de preconceitos e discursos falaciosos sobre a temática aqui lançada.

### **A ebulição dos desejos problematizada**

Nesta obra, publicada originalmente em 1972, a autora constrói um mundo colapsado, o que marca, em parte, o caráter distópico do romance aqui analisado, mas constrói essa narrativa trazendo à tona uma relação dialética entre razão e emoção. Ao iniciar a leitura do romance, já podemos perceber uma introdução que dedica o enredo que está por vir a uma mulher: Albertina. Com ela, Desidério, protagonista da história, encontrará o alvo de sua paixão, mas mais ainda de seus desejos. É interessante já ressaltar que os desejos são o grande

mote que conduz o fio para a compreensão da narrativa, uma vez que Angela Carter ilustra o desejo como a reviravolta que o mundo distópico dessa obra enfrenta.

Albertina é o puro alvo do desejo de Desiderio, a mulher é um ser feminino idealizado e construído com base no afeto e sexualização de um corpo a ser tomado pelo homem. Para tal, não seria de se estranhar a forte associação com Tristessa, em *The passion of new Eve* (1977), outro romance célebre de Angela Carter. Ambas as personagens são mulheres que servem como a representação do desejo de protagonistas masculinos e que as tomam como um desafio a ser transposto para a concretização de suas fantasias masculinas.

Carter usa de ambas as personagens como um meio de crítica que acentua o forte teor machista que a circundava no ambiente social e profissional de sua vida, ou seja, se para o gênero masculino, o feminino seria um produto de seus desejos, a autora iria fortemente rechaçar esse posicionamento patriarcal. A construção carteriana neste enredo, em específico, lembra os contos de fada, mas com um toque grotesco e erótico, como veremos mais adiante.

Para tal, o herói, na verdade, não é herói, mas um desocupado que cai em meio a um turbilhão de casos e problemas, que convergem em uma aventura rumo a luta pela salvação do mundo. Como podemos ver,

Como Elaine Jordan (1990) aponta: 'The Infernal Desire Machines of Doctor Hoffman desenha-se por meio de pornografia, do gótico, dos contos de fadas, dos filmes de terror, das histórias de aventuras imperiais de meninos, idílios antropológicos de acordo com Rousseau ou Lévi-Strauss, e das fantasias de filosofia, o mundo como Vontade e Idéia' (p. 34). Além disso, possui algumas das características da narrativa da missão (PEACH, 1998, p. 99) [tradução nossa].

A história da obra conta as peripécias de Desiderio e sua aventura para encontrar, capturar e eliminar Doutor Hoffman, um físico genial, que decide dominar o mundo criando máquinas do desejo. Tais máquinas criam ilusões, miragens e fantasias, que instigam a população a pura e simplesmente agir conforme seus desejos mais primitivos, abandonando todo e qualquer comportamento racional.

Filho de uma prostituta com um pai desconhecido, nosso herói Desiderio consegue um emprego público na repartição do governo, ficando cada vez mais próximo do Ministro da Determinação, que funciona no enredo com um alto líder político. Assim, incumbido desta missão pelo chefe, Desiderio parte em busca da concretização de sua tarefa, enfrentando diversos percalços, mas também explorando locais jamais imaginados para sua pacata vida.

Neste ínterim da luta da razão contra os desejos, Carter acentua a problematização de mitos, estigmas e convenções sociais que beiram o liame das relações de gênero, possibilitando

um olhar crítico acerca de como a sociedade tem lidado com estas questões, quer seja no campo de seus avanços ou de seus possíveis retrocessos.

O livro é um compilado de memórias, pois inicia-se com um Desiderio já velho que convida os leitores a rememorarem sua aventura em busca do vilão, mas também nos instiga sobre a fidedignidade dos fatos contados, uma vez que se mostra certa dificuldade de entender o que era real ou imaginação na narração dos fatos. Isso se dá a partir de duas possibilidades: ou o herói já está senil, de maneira que sua memória pode falhar, ou os fatos são exagerados propositalmente.

A obra aponta para uma forte crítica ao sistema capitalista que tudo busca controlar e engessar, e o faz de uma forma muito bem construída por meio da figura do Ministro da Determinação. Desta maneira, as aventuras de Desiderio, que tem seu próprio nome derivado do latim *desiderium* (desejo), começam após uma rápida promoção do cargo de serviços gerais para encarregado do Ministério da Determinação. Ao viajar pelo estado em busca do paradeiro de Dr. Hoffman, nossa personagem inicia sua jornada passando por diversos espaços já dominados pelo prisma do desejo e afetados pelas máquinas de Hoffman.

Na *Mansão da meia noite*, uma das primeiras paradas de Desiderio, podemos ver uma série de exposições de obras que remontam a atmosfera de desejos e ilusões, tal qual a narrativa de um conto de fadas. Lá, nossa personagem tem contato com Mary Anne, uma jovem que parece viver em um mundo onírico e fantasioso, à espera de um ser que lhe desperte. Para tal, dentro de um processo de crítica, Carter dialoga sobre como a construção de contos de fadas reforça a constante inferiorização do gênero feminino e os papéis desempenhados por este, sempre esperando por um homem que a tire da inércia, tal qual apontado por Zanello (2018).

Mary Anne funciona aqui como uma Bela Adormecida que só sairia do estado de inércia com a ajuda de um homem que a traria do mundo irreal para o real, papel este conferido a Desiderio, retratando, assim, como o mundo feminino precisa da figura de homem para a volta à realidade, preceito cunhado pelo molde patriarcal dos contos de fada. A mulher frágil e sonhadora vive com a cabeça na lua, numa atmosfera de fantasia, o homem não. Este é seguro de si e traz a mulher para a vida real. Além do mais, a personagem é retratada como um ser sedutor, que procura levar nosso herói ao pecado e a um limiar fora da racionalidade, que lhe é tão cara neste momento, devido a situação da guerra entre Hoffman e o governo. Como vemos,

Não creio que ela tenha feito um som para me despertar, mas logo em seguida tive a consciência da presença de alguém no quarto e um suor frio escorreu por meu pescoço abaixo. Devagarinho voltei-me da janela. Ela vivia no limiar crepuscular da vida e assim relembro-a sempre, a postar-se à entrada de uma porta como um hóspede

inesperado na dúvida de que será bem-vindo. Seus olhos estavam abertos, mas cegos e entre os dedos estendidos ela mantinha uma rosa. Tinha tirado o vestido preto e usava uma camisola branca de tecido de algodão, como as que usam as meninas de colégios de freiras. Ao mesmo tempo em que caminhei para ela, veio em minha direção e peguei a rosa, pois tive a impressão de que a oferecia (CARTER, 1972, p. 69-70).

Assim, a mulher é apresentada com uma proposta sedutora que vai atrás do homem e o leva ao pecado do desejo, instigando-o ao sexo e à luxúria. É interessante destacar que, na cena seguinte, Desiderio se mostra entregue à tentação de Mary Anne, como se não conseguisse escapar dos encantos desta. Ainda com um excerto da obra, podemos ver,

Levei-a para a cama e, em meio às sombras variegadas, sereia ou como a da ninfa de mármore em seu próprio jardim. Eu percebia uma bem atenuada resposta, como se ela estivesse sentindo minhas carícias através de uma cortina, e vocês devem compreender que a essa altura eu já sabia muito bem que ela estava adormecida, pois, além do que se evidenciava a meus sentidos, lembrava-me de ter o dono das máquinas de exposições me falado a respeito de uma encantadora sonâmbula. (CARTER, 1972, p. 70).

Parece-me que, em seu momento de sono, Mary Anne tem relações sexuais com Desiderio, que se aproveita da situação e comete tal ato; todavia, a construção da narrativa acentua que Desiderio foi provocado pela instigante presença da jovem, não conseguindo se conter, deflorando sua virgindade. Esta linha de pensamento coaduna com a proposta implícita na construção do texto carteriano que busca exemplificar como a figura feminina é entendida como a personificação do pecado, forçando o homem à transgressão e à luxúria, mesmo contra a sua vontade.

Carter externa, por meio do envolvimento de Mary Anne e Desiderio, como o ser feminino carrega consigo o mito do pecado, sendo o responsável pelo mal-estar desde os primórdios da humanidade, quase que como uma Eva que leva Adão ao pecado bíblico. O homem, por sua vez, é representado como a vítima que apenas cedeu às conjunturas da situação já orquestradas pela mulher. Retomando o mito de Lilith, vemos a associação do pecado e da tentação que Carter tenta problematizar, pois acerca do pecado original, no mito patriarcalista,

Lilith, um irresistível demônio feminino da noite, de longos cabelos, sobrevoa a mitologia suméria, babilônia, assíria, cananéia, persa, hebraica, árabe e teutônica. Durante o terceiro milênio antes de Cristo, na Suméria, ela foi, a princípio, Lil, uma tempestade, destruidora ou espírito do vento. Entre os semitas da Mesopotâmia, ela ficou conhecida como Lilith, que, mais tarde, ao confabular com layil (a palavra hebraica para noite), tornou-se Lilith, um demônio noturno que agarra os homens e as mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmos noturnos (KOLTUV, 2017, p. 13)

Segundo Mircea Eliade (1989), o modelo mítico não é apenas uma construção social, mas seria um aparato para a perpetuação de um determinado discurso sobre um determinado tema. Desta maneira, a hegemonia masculina se vale de um discurso mítico para propagar verdades absolutas sobre o gênero feminino, como uma maneira de manutenção de seu *status quo* e seu poderio

O mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito, ajuda-o a dissipar as dúvidas que poderia ter quanto ao resultado do seu cometimento. Por que hesitar perante uma expedição marítima, uma vez que o Herói mítico já a efetuou num tempo lendário? Basta seguir seu exemplo. Do mesmo modo, porque temer instalar-se num território selvagem e desconhecido, se se sabe que o que é necessário fazer? (...) O modelo mítico é susceptível de aplicações ilimitadas (ELIADE, 1989, p. 120).

Assim, Mary Anne tem relações sexuais com Desiderio em seu estado de sonambulismo, mas sua atuação é tal qual uma Lilith pecadora, que instiga a pobre vítima de sua sensualidade para o mal caminho. É interessante destacar que a obra *TIDMODH* foi produzida num contexto temporal dos anos 70, auge da propagação dos movimentos feministas e da popularização dos métodos contraceptivos na mídia (SAGE, 1998).

Este contexto, aliado ao texto carteriano, traz a ideia de que Carter traçava uma proposta literária extremamente crítica, uma vez que, já declarada como feminista, apoiava os movimentos sociais que pregavam a libertação das amarras de gênero, bem como a autonomia feminina sobre seu próprio corpo e seu direito de gravidez ou não. Em determinado momento da obra, nossa autora apresenta, por meio das peripécias e descobertas de Desiderio, uma exibição na cidade. Tal espetáculo, dividido em várias aparições, são fruto das projeções das máquinas do desejo de Dr. Hoffman que estão em pleno vapor, dizimando a racionalidade do povo. Vejamos, em Carter, um exemplo desta exibição.

Uma vela em forma de pênis de tamanho excessivo, com o escroto agregado, num estado de pronunciada tumescência. O pregueado prepúcio estava bem puxado para trás a fim de deixar à vista, na sua premente inteireza, a ponta dilatada e colorida até uma porção do próprio membro e, na diminuta fenda do centro, onde deviam ter alojado um pavio, ardia pequena e pura chama. Quando o espectador olhava, a vela inclinava sobre escroto e apontava para ele como acusando-o. Fiquei chocado por saber que isso devia representar o pênis do Ministro (CARTER, 1972, p. 57-58).

Como podemos perceber, nesta cena Desiderio descreve uma exibição intitulada “A chave da cidade”. No enredo, a chave retratada como um pênis, mostra a representação

falocêntrica de que o sexo masculino seria o responsável por abrir as portas, bem como o formato em vela traria a noção de que o falo masculino provê a luz necessária para dissipar a escuridão, o feminino.

A construção imagética patriarcalista e machista aponta para uma supremacia do masculino sobre o feminino, pautando-se numa ideia de que o feminino seria as trevas e o masculino, a luz. Este mesmo masculino seria a chave para se adentrar nos espaços da cidade e da vida social feliz, iluminada pela razão e livre do mal pecaminoso. Todavia, Carter busca uma compreensão que joga contra o masculino como único detentor da primazia, e acentua o *status* de acusador.

No trecho, “Quando o espectador olhava, a vela inclinava sobre escroto e apontava para ele como acusando-o.” (CARTER, 1972, p. 58), a autora mostra o caráter acusativo do homem, como um ser que busca sempre ter razão e acusar os demais, remetendo-o como vilão de uma história que sempre tomou a mulher como pecadora.

Outrossim, Valeska Zanello (2018) problematiza como essas construções são reforçadoras de um padrão de dominação de um gênero sobre o outro, pois ajudam na formação de processos culturais misóginos e machistas. São discursos, imagens, elaborações artísticas e, até mesmo estudos, que vinculam consigo um forte caráter opressor ao público feminino, denominadas, então, de tecnologias de gênero, preceito já cunhado por Teresa de Lauretis em 1984.

Uma pergunta precisa então ser lançada em relação às tecnologias de gênero e seus impactos nos processos de subjetivação: Quais as relações entre as tecnologias de gênero e o looping effect? Ou seja, como as tecnologias de gênero (enquanto/como processo de gendramento do sujeito, no binarismo homem/mulher), tem efeito nos processos de subjetivação, na interpelação das performances (dentro de scripts culturais), e também na criação - ainda que ilusória - de identidades e de autodescrições? Essa é uma seara que merece amplos e diversificados estudos (ZANELLO, 2018, p. 50).

Constrói-se um discurso que privilegia socialmente o masculino em detrimento do feminino, sendo justamente isto que Carter busca combater, procurando mostrar o caráter acusador do pênis masculino, que aponta e inferioriza. Isso se exemplifica na obra mostrando, também, a ideia de o pênis citado ser do Ministro da Determinação, a mais importante autoridade política do país, uma crítica carteriana a como as principais posições de poder no mundo estão nas mãos dos homens, diminuindo o potencial de inúmeros sujeitos mundo a fora, ao concordar com uma proposição de pensamento que tome, unicamente, os homens como líderes natos e eficientes para a governança.

A história da obra segue seu rumo, com um desfecho mortal para Mary Anne e uma acusação para Desiderio, que foge da cidade em busca de não ser preso. A partir daí, a personagem passará a ter contato com uma gama de novos personagens, com tipos próprios de vivências e experimentações. Trata-se de populações alternativas, que vivem à margem da sociedade que nosso herói conhece, mas que transformarão os caminhos de sua vida de uma maneira inimaginável.

### **Para além do corriqueiro**

No seguimento da obra, Desiderio é resgatado por uma comunidade ribeirinha que o acolhe e o ajuda a escapar dos que os perseguem, pois estes o consideram culpado pela morte de Mary Anne. Ao ter contato com esse grupo de pessoas, nosso herói se vê diante de uma nova realidade alternativa, pois o grupo dessas populações ribeirinhas tem um estilo de vida próprio, vivendo em uma selva, na contramão da modernidade que o restante do mundo apresenta.

A população em questão é dotada de costumes próprios, sistema político diferenciado e organização familiar incomum. As diferenças entre as formas de viver e se comportar no mundo comum, exterior a esse novo apresentado, perpassam desde o campo linguístico com uma comunicação própria, esta se fazendo semelhante aos pássaros, até os hábitos de cerimônias religiosas e a adoração aos deuses.

Ao apresentar esse novo tipo de comunidade na obra busca-se mostrar a formação de grupos sociais estigmatizados e considerados inferiores, tentando trazer à baila a problematização sobre identidades desviantes de um padrão normativo, hegemônico e eurocêntrico. É interessante destacar que

O Ministro da Determinação e o Dr. Hoffman em *The Infernal Desire Machines of Doctor Hoffman* tentam impor um conjunto particular de perspectivas em suas sociedades. Enquanto Hoffman oferece uma oposição surreal e libertadora ao que o ministro representa, ele também é a personificação do controle capitalista do desejo por meio da tecnologia da mídia (PEACH, 1998, p. 102).

Assim, Carter constrói em seu tom crítico uma ideia de que a sociedade ribeirinha vivia fora do controle do governo que, representado na figura do Ministro da Determinação, busca controlar e impor padrões de comportamento a todos e todas. Tal analogia aplica-se ao propósito de encarar as relações de gênero, principalmente os sujeitos fora do padrão normativo, como constantes alvos de uma política rija e violenta que os massacra e inferioriza. Para tal, a

“gente do rio” (CARTER, 1972) constitui um povo com suas vivências próprias e únicas, representando o subversivo e desviante que estão no lado oposto da margem, mas que resistem em conservar suas identidades e modos de ser, pagando, por vezes com sua vida e segurança. Como podemos ver,

A gente do rio criara ou herdara intrincado sistema de família que era teoricamente matrilinear, embora na prática todas as decisões coubessem ao pai. O pai ou, supostamente, mãe - adotava como filho o homem com quem a filha mais velha se casasse. Quando ele morria, esse genro herdava o barco e tudo o que continha nele. Por isso Nao-Kurai me oferecia muito mais do que uma noiva; oferecia-me um lar, uma família e um futuro. Se deixasse morrer Desidério e me tornasse Kiku para sempre, não precisava de temer mais nada na vida, nada. Não precisava de temer a solidão, o tédio ou a falta de amor. Minha vida passaria a fluir tal qual o rio em que eu vivia. Converter-me-ia oficialmente numa pessoa que perdeu a casta, mas como eu assinara minha adesão às pessoas sem casta, não mais arrastaria a existência à margem da vida com um leve riso escarninho na face, desejando ansiosamente que eu fosse Marvell ou estivesse morto (CARTER, 1972, p. 102).

Isso já fora mostrado por Hutcheon (1991), bem como, originalmente trazido por Derrida (2003) e revisitado Homi K. Bhabha (2018). Em seus diálogos, estes autores mostram como sujeitos ex-cêntricos, ou seja, que vivem fora do centro, são constantes alvos de ataques. Suas comunidades, que se constituíram no seio da “*difference*” (BHABHA, 2019), são o maior valor humano.

A sociedade matrilinear, apresentada por Carter em *TIDMODH*, demonstra como a inferiorização, imposta pela ótica masculina sobre o corpo e discurso feminino, culmina num ciclo equivocado, violento e sistemático, ou seja, trata-se de um projeto que busca sempre impor um lugar pré-estabelecido de minoria para o ser feminino. Tal questão problematiza-se na medida que a autora busca mostrar como uma sociedade matrilinear funciona muito bem sobre o comando feminino, afastando os homens dos locais e posições de poder.

Historicamente, cabe ressaltar e lembrar que as organizações familiares dos povos antigos eram construídas na premissa do poder feminino para tomada de decisões e organização das atividades. É interessante destacar que as primeiras organizações familiares e parentais das sociedades antigas eram matriarcais, com o centro da família estando em volta da figura da mãe, pois esta era o principal pilar no sustento e organização desse grupo de pessoas (Perrot, 2017). Ainda sobre essa questão, é interessante destacar que,

Segundo Chodorow, se os pais fossem mais envolvidos nos deveres parentais e mais presentes nas situações domésticas os resultados do drama edipiano seriam provavelmente diferentes. Essa interpretação limita o conceito de gênero à esfera da família e à experiência doméstica, e para o(a) historiador(a) ela não deixa meios de

ligar esse conceito (nem o indivíduo) com outros sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder (SCOTT, 1990, p. 61).

Sobre a esfera das relações de gênero e sua associação com o elemento parental, podemos perceber como o patriarcalismo moldou toda uma série de discursos e comportamentos para que o poderio feminino fosse paulatinamente usurpado e perdido, num processo simbólico e social que estabeleceu novas formas de se ver e delimitar papéis nas organizações familiares, centrando o poder nas mãos dos homens, pais e irmãos.

No que segue, *Desiderio*, após seu contato com a Gente do rio, foge novamente e passa a ser companhia de uma personagem extremamente intrigante e misteriosa. Tal qual um vampiro, metade monstro e ser humano, nosso protagonista encontra o Conde de Lautréameont. Esse ser, rodeado de opulência e luxúria, é acompanhado de seu fiel servo Lafleur, um serviçal submisso que serve aos desejos do Conde e organiza sua rotina, basicamente composta de orgias, bebedeiras e estupros.

Cabe destacar que a figura do Conde remonta a uma associação de Angela Carter à escrita literária de Marquês de Sade, sendo este uma de suas principais referências literárias para a construção da personagem em questão. Conhecido por uma vida de libertinagem, retratada em suas narrativas, Sade se constituiu como um dos nomes mais proeminentes dentro da escrita literária de cunho erótico, isso em pleno século XVI, período de forte repressão e normas sociais rijas e inflexíveis. Para tal, não é de se estranhar a forte crítica recebida por este nobre por conta do conteúdo de seus textos, o que, porventura, também recaiu em Carter.

Beirando o tom de um misto de erotismo e pornografia, Sade chocou a sociedade francesa ao descrever suas aventuras sexuais, bem como ao desnudar a hipocrisia da nobreza europeia que escondia seus costumes por trás de uma máscara de moralismo. Sade, ao contrário, escancarou esse perfil, inclusive sendo a referência para o termo sadismo, que hoje, designa práticas e ações consideradas desviantes do padrão sexual, pelo caráter dominador praticado por adeptos nos momentos de relação sexual.

Carter toma para si o texto de Sade e de suas influências na construção de seus personagens, principalmente com o Conde de Lautréameont em *TIDMODH*. A personagem é um ser puramente tomado e guiado pelos desejos e instintos sexuais. Assim, não mede esforços para a realização de suas fantasias, que beiram sempre o estranho e, por vezes, o macabro. Ao descrever as preferências sexuais do Conde, Carter acentua o caráter machista como uma forma de contrapô-lo, mostrando ao leitor como o corpo feminino segue ainda sendo violado pelo homem na escrita das linhas da História.

Nesta associação, Carter tenta realçar a ideia de que o modelo machista de sexo e relacionamento colocam o homem numa posição de vantagem, coadunando com a premissa patriarcal que se os desejos masculinos estão satisfeitos nada mais importa ao resto. Para o Conde, assim como para o homem patriarcal, se seu sexo é prazeroso e sua libido é saciada, de nada mais importa a mulher.

A mulher seria encarada apenas como um acessório na realização das fantasias de um ser superior, tendo como sua função dar prazer e servir, pois “Só a viagem é real, não a terra à vista. Não tenho bússola para guiar-me. Estabeleço meu itinerário de acordo com a inconstância da sorte e percebo meus fortuitos faróis apenas pela inextinguível chama de meus desejos” (CARTER, 1972, p. 157). Se, para Carter, o homem é guiado pelo desejo desenfreado e usa a mulher na realização deste, seria necessária uma revolução sexual que pusesse fim a isso, pois percebe-se uma forte problematização de como muitos mitos, construídos e inseridos na vida social, reverberam nas relações de gênero.

Ao seguir a viagem com o Conde e Lafleur, e em contato com novas culturas, Desiderio acentua mais uma vez a apresentação de novas comunidades que questionam os padrões convencionalmente aceitos sobre gênero e sociedade. Numa terra de centauros, na costa da África, nossos personagens se deparam com uma série de rituais e práticas que colocam o ser feminino como receptáculos de prazer. O questionamento se baseia na forte crítica do mito da mulher reprodutora, tomada apenas na função de fornecedora de filhos e nada mais. Teorizando *O segundo sexo*,

Comecei a olhar as mulheres com um olhar novo e fui indo de surpresa em surpresa. É estranho e estimulante descobrir de repente, aos quarenta anos, um aspecto do mundo que salta aos olhos e que não era percebido. Um dos mal-entendidos que meu livro suscitou foi que se pensou que nele eu negava qualquer diferença entre homens e mulheres: ao contrário, ao escrevê-lo, medi o que os separa; o que sustentei foi que essas dessemelhanças são de ordem cultural, e não natural. Contei sistematicamente como elas se criam, da infância à velhice; examinei as possibilidades que este mundo oferece às mulheres, as que lhes são recusadas, seus limites, suas oportunidades e faltas de oportunidades, suas evasões, suas realizações. Compus assim o segundo volume: “A experiência vivida” (BEAUVOIR, 2009, p. 146).

Beauvoir nos mostra como a construção de mitos sobre as mulheres são projetos políticos que buscam a supremacia masculina sobre todas as instâncias da vida social. Dito isto, em *TIDMODH*, Desiderio atua não somente como um encarregado na realização de uma tarefa do Ministro, mas serve aos propósitos de Angela Carter como um viajante que, no contato com outras culturas, descortina para o público mitos e estigmas sobre as relações de gênero, principalmente no contexto temporal do século XX, auge da escrita carteriana.

A obra, em si, mostra por meio da divisão *desejos* (Dr. Hoffman) x *razão* (Ministro da Determinação), como o controle excessivo poda o ser humano da sua liberdade, bem como o desejo desenfreado seria uma loucura e descontrole com sérias consequências. O mundo dividido, acentuado na obra, é na verdade, uma paródia, “na qual não existem certos ou errados”, segundo os moldes de uma visão pós-moderna (LYOTARD, 2004).

Não existem na obra certos ou errados, tampouco heróis ou vilões, mas sim, aqueles que possuem mais poderio em suas mãos, pois ocupam uma alta posição no engendramento de um sistema capitalista e patriarcal que os favorece constantemente. Se esses privilegiados são os homens, Carter mostra as dificuldades para as mulheres, que são submetidas a diversas atrocidades, sejam de ordem física ou simbólica, como consequência dessa realidade.

O que Angela Carter apresenta parece-nos mais um emaranhado psicológico que usa do texto literário para discorrer sobre uma sociedade pós-moderna estratificada pela ótica do corpo superior e do inferior, corpo segundo que busca a dissolução de espaços enclausurantes e reducionistas. Se para a sociedade líquida da pós-modernidade (BAUMAN, 2018) “não há fronteiras ou limites pré-estabelecidos”, para Angela Carter, também, não há muro ou parede que não possa ser fissurado.

Se Dr. Hoffman comanda o mundo por meio dos sonhos, do irreal e do desejo, os homens o comandam com os mitos, estigmas e discursos sobre o feminino, sempre ancorados em ligações de poder que os favorecem e culminam em violências contra o sexo oposto. Carter tenta subverter tal posição, por meio do erotismo, grotesco e do surreal, batalha árdua, corajosa e sempre constante para além de seu tempo e de suas obras.

### **Considerações finais**

Assim, em *The infernal desire machines of doctor Hoffman*, o elemento do gênero figura como eixo central para uma ampla discussão sobre sociedade e intolerância. O feminismo radical, com que Carter foi muitas vezes atribuída, questiona os discursos culturais de uma realidade marcada pelo patriarcalismo e pela frequente dominação masculina. A obra retrata o gênero a partir de diferentes nuances, pois Carter, ao passo que acentua o caráter dominador do gênero masculino de forma exacerbada, também o sobrepõe com o empoderamento feminino e a luta constante por voz pautada em uma política de resistência.

Neste cerne do pensamento feminista, podemos notar uma Carter engajada com as questões que dizem respeito às reivindicações, protestos e luta por direitos, pensados e

promovidos por diversos grupos de ativistas feministas, a exemplo das marchas que ensejaram na oficialização do dia 08 de março como Dia Internacional da Mulher, fato temporal contemporâneo da publicação do romance em análise.

A desconstrução desses mitos serve como aparato para dialogar sobre antigas narrativas que se centram sobre pilares hegemônicos de desigualdade social. Ao confrontar estas, posso perceber uma tessitura literária que revela os problemas incutidos no seio social deste mundo hodierno. Os debates contemporâneos que, hoje, temos sobre gênero e suas configurações, são antecipados nos personagens carterianos, tecendo histórias que questionam noções rijas de identidade, entendidas nessa como cambiantes e desviantes.

As obras revelam traços de erotismos que se aliam ao escopo dos estudos de gênero como maneiras de discutir a pluralidade da categoria, extrapolando figurações sobre uma ótica que reconfigura conceitos a partir de uma ótica feminista. Assim, a obra tece consigo uma caminhada política sobre as performances de gênero que moldam a sociedade, bem como sobre os discursos machistas que moldaram o debate que se tem hoje sobre como o feminino é entendido. Ou seja, Carter já preconizou em sua narrativa muitas das problemáticas que, hoje formam bojo nos estudos acadêmicos sobre as relações de gênero.

O romance tem caráter distópico desafiando as normas do que se tinha concebido sobre política e sociedade. Apresenta um mundo fantasioso, que nos mostra relações de poder destoantes do que comumente conhecemos. *TIDMODH*, por si só, descontrói a noção de política patriarcal e imperialista que moldou o mundo ocidental e entende o mundo pós-moderno como o terreno das incertezas no qual as opressões deveriam ser combatidas e todos e todas tratados de igual para igual.

Os extremismos ideológicos de *TIDMODH* retratam sociedades fragmentadas, tal qual o mundo pós-moderno, pautadas numa profunda polarização de que culminaria com a destruição de tudo. Os sinais amarelos já são constantemente acesos e alertam para como o mundo pode se tornar o que mais teme caso medidas não sejam tomadas rapidamente. Assim, destaque como a produção romanesca de Angela Carter é relevante para os estudos literários, por trazer questões sociais relevantes e importantes para a discussão acadêmica dos estudos de gênero.

## Referências

BAUMAN, Zigmunt. *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Vol. I. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. Tradução: Sérgio Millet. 2009.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2017.

CARTER, Angela. *The Infernal Desire Machines of Doctor Hoffman*. London: Rupert Hart-Davis, 1972.

CARTER, Angela. *The Passion of New Eve*. London: Gollancz, 1977.

DERRIDA, Jacques. *La différance in Marges de la Philosophie*. Paris: Les Editions de Minuit; Collection. Critique. 2003.

ELIADE, Mircea. *Origens*. Tradução: Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KOLTUV, Bárbara. B. *O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal*. Tradução: Rubens Rusche. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

LYOTARD, Jean- François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

PEACH, Linden.. *Angela Carter*. London: Macmillan, 1998.

SAGE, Lorna. *Angela Carter. Writers and their Work*. Plymouth: Northcote House, 1998.

SCOTT, Joan. W. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Tradução: SOS: Corpo e Cidadania. Recife: UFPE, 1990.

SPIVAK, Gayatri. C. *The New Historicism: Political Commitment and the Postmodern Critic*. Londres: Routledge, 1990.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos*. Curitiba: Appris, 2018.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: lendo como mulher. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

**Recebido em:** 11/03/2025.

**Aceito em:** 20/04/2025.